

“FORMATURA”**ALBERTO DEODATO**

Vai fazer quarenta anos que assisto à formatura dos bacharelados da minha velha Faculdade de Direito. E seis que, sendo seu diretor, presido à cerimônia da colação de grau. A cerimônia que, a quem não é professor, parece monótona, tem, todos os anos, encantos novos. Quanto mais velho se fica, mais se ama os moços. É porque a compreensão amadurece. Aumenta a tolerância. Acha-se mais graça nas rebeldias. Se o arcabouço e as teses dos discursos dos oradores são eternas, a forma de as dizer é diferente. Todo orador de turma é sociólogo e político. Todos eles são contra. Mas os que são a favor mudam muito. Depende da ideologia do século. Liberais e conservadores ontem, são direita e esquerda hoje. Em quarenta anos, ouvindo-os, até hoje não encontrei um só ateu. Roussounianos ou nitcheanos ontem, fascistas ou comunistas, democratas ou socialistas hoje, são todos cristãos. Os mais avançados de hoje são comunistas-católicos. As contradições doutrinárias são envolvidas pelos encantos das imagens e beleza da juventude. Tudo é bonito. Até os erros. Tudo, afinal, comove. A marcha da entrada. A procissão que se aproxima do palco. Dois a dois. Milhares de olhos que se procuram. Mãos que acenam. Sorrisos que se abrem. Lágrimas discretas. E, de quando em quando, a explosão:

— Aquele é meu filho. Como está bonito!

Faz seis anos que lhes coloco o capelo. Que lhes repito o juramento. Que as cabeças moças se curvam para receber esse batismo. Que o latim, mal pronunciado, por mim e pelo bacharelado, se repete.

— Idem spondeo...

— Tibi quoque...

Não falta ao feitiço da festa grave o toque feminino. A bacharelada, na hora de receber o capelo, lembra-se de que é mulher. E diz como se fora um segredo, baixando cuidadosamente a cabeça:

— Professor, cuidado para não desmanchar o cabelo...

E, na última solenidade, a uma amiga, que perguntava por que não trouxera o anel, respondeu a doutora:

— Porque não é da cor do vestido...